

III Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

10 a 13 de setembro de 2019 | Naviraí - MS



CRESCIMENTO ECONÔMICO NO MATO GROSSO DO SUL: Uma análise a partir de indicadores regionais

Caroline Andressa Welter,
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
carolwelter01@gmail.com

Daniel Souza Amorim
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
dacenturiao@gmail.com

RESUMO

A fim de analisar a dinâmica de crescimento do estado de Mato Grosso do Sul entre os anos de 2005 a 2015, este trabalho propôs a utilização de indicadores de ritmo e nível de crescimento econômico aplicados a todos os municípios do estado, além de verificar quais atividades econômicas apresentaram maior destaque no desempenho econômico destes municípios, através do quociente locacional (QL). Como embasamento teórico, foi realizada uma revisão empírica e uma breve explanação dos principais autores relacionados ao desenvolvimento econômico regional.

Palavras-chave: Economia Regional. Estrutura Produtiva. Especialização.

1 INTRODUÇÃO

O Mato Grosso do Sul desde o ano de 2013 vem apresentando quedas nas taxas reais de crescimento do PIB – Produto Interno Bruto, saindo de um crescimento próximo de 5 p.p. para taxas reais menores que 1 p.p. no ano de 2016. Neste mesmo período é possível visualizar uma redução relativa do VA – Valor adicionado nos setores primário, secundário e terciário, sendo que o primeiro chegou a um crescimento real negativo da ordem de -8,8 p.p. em taxas reais no ano de 2016, e o setor terciário com taxas reais negativas consecutivas em 2015 e 2016, de -1,59 p.p. e -1,54 p.p. respectivamente, conforme os dados das contas regionais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e SEMAGRO – Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar.

No que tange aos níveis de ocupação de pessoas de 14 anos ou mais, segundo dados da PNAD – Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua Trimestral, a desocupação alcançou em 2015 seus maiores níveis desde o segundo trimestre de 2012, alcançando a casa dos 83.000 desocupados no terceiro trimestre deste referido ano.

Dentre os setores econômicos aqueles que contribuíram sobremaneira para esta acentuada retração da economia sul-mato-grossense foram a construção civil com -4,4 p.p. além da indústria extrativa mineral, serviços da indústria e utilidade pública. A boa safra de produção de grãos do ano de 2015, possibilitou que a agropecuária contribuisse para a sustentação da atividade econômica, com um crescimento de 10 p.p., assim como o fez a indústria de transformação fortemente vinculada as atividades primárias, apresentando uma taxa positiva de crescimento 1,3 p.p. em seu produto, segundo dados do IBGE, 2015.

Este cenário demonstra as proporções dos impactos gerados pelo período recessivo da economia brasileira, que se agravou severamente no ano de 2015, com uma retração de 3,5 p.p., sendo ainda pior em 2016 com -3,6 p.p. Diante desta breve explanação justifica-se a necessidade de um olhar pormenorizado sobre o crescimento dos municípios do Mato Grosso do Sul, a fim de identificar suas lacunas de crescimento no período.

Frente ao exposto, esse artigo tem por objetivo analisar o desempenho econômico dos municípios de Mato Grosso do Sul, com base no ritmo e nível de crescimento econômico. Para atingir este objetivo, verificou-se também quais atividades econômicas apresentaram maior destaque no desempenho econômico dos municípios. Tais análises são descritivas utilizando o

PIB per capita como variável chave e o período de 2005 a 2015 como recorte temporal do estudo.

Este tipo de análise tem como finalidade detalhar aspectos que são chaves no crescimento econômico regional, e assim, oferecer apontamentos a grupos representativos e ao poder público sobre as principais características que levam a região a representativo crescimento, bem como, a atualização dos indicadores propostos para anos anteriores apresentados na literatura. E ainda, propor uma orientação em termos na formulação de políticas públicas, principalmente, as de natureza econômica.

A escolha deste período ocorreu devido a considerável retração verificada em relação ao PIB e a desocupação no estado. Além disso, pretendeu-se dar sequência a uma linha de trabalhos, como os de Lima, Piffer e Ostapechen (2016), Constantino, Pegorare e Costa (2016), Frainer et al. (2017), que analisam o crescimento e desenvolvimento econômico nas regiões sul-mato-grossenses, de modo a atualizar esta análise para anos mais recentes.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Segundo Almeida (2013: 2), “a partir dos anos 1940-1950, os estudos relativos ao desenvolvimento regional começaram a ganhar força e a se firmar como campo de conhecimento específico”. Até os anos de 1970 a produção teórica relacionada à economia regional estava assentada sobre duas grandes correntes teóricas. A primeira, a teoria clássica de localização consiste em um conjunto de trabalhos que buscava definir as questões que afetavam a decisão locacional das firmas, levando em conta o custo de transporte, para determinar a sua localização ótima. A segunda a teoria de desenvolvimento regional tem ênfase nas políticas baseadas no conceito de aglomeração e suas externalidades (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Na teoria de desenvolvimento regional, tem-se o autor *Albert Hirschman*, o qual expõe que o crescimento econômico não ocorre por todo o território ao mesmo tempo, porém quando surge causa forças poderosas que incentivam a concentração das atividades em espaços locais (Hirschman, 1961). Além disso, o autor destaca a importância dos desequilíbrios, onde uma economia buscando atingir maiores níveis de renda deve criar pontos de crescimento. Pode-se verificar que o desenvolvimento em uma região específica causa influências no sentido de impulsionar o crescimento de regiões próximas (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Hirschman (1961) aborda o termo “encadeamentos” ou “efeitos em cadeia” que podem ser “para trás” e “para frente”. Os efeitos em cadeia para trás são gerados por atividades econômicas que estimulam a produção interna a gerar os insumos necessários para sua existência, e os encadeamentos para frente são gerados por atividades que não atendem a uma demanda final, pois ainda terão seus produtos utilizados como insumos de outras atividades.

Perroux (1977), outro autor de destaque, propõe que a distribuição das indústrias ocorre em pólos, que leva o crescimento a ser polarizado, e assim verificam-se ilhas de crescimento, enquanto outros espaços não logram de igual crescimento.

Em 1990 ocorre uma inversão de paradigmas dentro do campo teórico da Economia Regional. O modelo que vê na industrialização e na ação centralizadora do estado a força motriz do processo de desenvolvimento, é suprido por um modelo segundo o qual as políticas e estratégias de desenvolvimento regional devem partir das potencialidades socioeconômicas originais da região e contar com a participação dos atores locais (Almeida, 2013). Ao longo de todas as alterações conceituais e de paradigmas à ciência regional, sempre se utilizou de métodos e análises para tentar captar as características e padrões das economias. Esses métodos são titulados de métodos de análise regional e compõem-se, dentre outros, das medidas de localização e especialização (MATTEI; MATTEI, 2017).

De acordo com Suzigan et al. (2003) a composição de indicadores ou medidas de concentração admitem averiguar a distribuição espacial, identificar especializações regionais e mapear movimentos de deslocamento regional das atividades econômicas, sejam resultantes de processos de concentração ou de descentralização econômica. Nesta perspectiva, estes indicadores estão sendo bastante difundidos nos estudos e análises de economia regional.

Além destes autores fundamentais sobre as teorias sobre crescimento e desenvolvimento econômico, optou-se por uma breve revisão empírica sobre análises regionais dos municípios do Mato Grosso do Sul acerca do seu desempenho econômico.

Lima, Piffer e Ostapechen (2016) analisaram o crescimento econômico regional das microrregiões de Mato Grosso do Sul, nos anos de 2003, 2007 e 2010. O PIB per capita destas regiões apresentaram um crescimento ascendente a partir de 2007. Das 11 microrregiões do estado, 5 apresentaram nível de crescimento acima da média estadual, sendo elas: Baixo Pantanal, Três Lagoas, Cassilândia, Nova Andradina e Alto Taquari. Destas, apenas Três Lagoas, Baixo Pantanal e Nova Andradina apresentaram um ritmo dinâmico de crescimento no período. Como foi utilizada uma variável ponderada pela população, foi verificado que as

microrregiões mais populosas permaneceram como estagnadas, enquanto a periferia avançou em termos de crescimento.

Constantino, Pegorare e Costa (2016) analisaram o desempenho do IDH e PIB per capita para os municípios de Mato Grosso do Sul entre 2000 e 2010, através da análise de convergência dada pelo coeficiente de variação. Observou-se uma taxa de crescimento do PIB per capita entre 2000 e 2010, mais exponencial nos municípios periféricos à região central do estado. No teste de convergência foi verificado que a diferença nas variáveis IDH e PIB per capita tenderam a diminuir no período. Desta forma, houve a queda nas desigualdades sociais e econômicas, indicando um avanço na qualidade de vida da população sul mato-grossense.

Frainer et al. (2017) construíram o Índice de Desenvolvimento Sustentável para os municípios do estado. Para o cálculo do índice foram consideradas quatro dimensões: social, econômica, ambiental e institucional. Campo Grande, Dourados e Três Lagoas foram os três melhores colocados no ranking, sendo Mundo Novo, Laguna Carapã e Eldorado os piores colocados. Chapadão do Sul e São Gabriel do Oeste ficaram na 4ª e 5ª colocação respectivamente, mas apresentaram baixos valores nos indicadores das dimensões ambientais e institucionais.

Corrêa et al. (2018) analisaram a evolução da concentração da população urbana e rural no estado entre 1970 e 2010. Com o uso do QL, verificaram uma ampla concentração da população rural enquanto que a concentração da população urbana diminuiu. Verificou-se a composição de cidades com pequenos núcleos urbanos e dependentes de atividades agropecuárias, que é a principal atividade econômica do estado. Ocorreu um alto processo migratório, com crescimento exponencial da população urbana a partir dos anos 2000.

Constantino et al. (2019) analisaram os municípios do Corredor Bioceânico de acordo com sua característica econômica. Pelas análises descritivas, Campo Grande, Maracaju, Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti apresentaram os maiores PIB per capita, com participações expressivas no valor bruta da produção no agronegócio, destas apenas Campo Grande tem alta participação na produção do VAB da indústria e dos serviços. Os demais municípios do corredor bioceânico que tiveram em média, baixa variação na renda e participação no VAB total, mantém sua economia voltada para a administração pública.

A revisão empírica permite verificar alguns pontos significativos sobre a evolução do estado nos últimos vinte anos, houve um crescimento significativo em termos de produto, que refletiu também em termos de desenvolvimento, prioritariamente em melhorias da qualidade de

vida e existem indícios, sobretudo avanços no sentido ambiental da questão do desenvolvimento, porém, que estes avanços são heterogêneos ao longo do território estadual. Na seção a seguir são apresentadas as técnicas metodológicas utilizadas para construção dos resultados.

3 METODOLOGIA

A fim de avaliar o desempenho econômico dos municípios do estado de Mato Grosso do Sul, utilizou-se a combinação de dois indicadores econômicos, o índice de nível de crescimento (INC) e o índice de ritmo de crescimento (IRC). Ambos foram calculados a partir do PIB per capita, disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), deflacionado a preços de 2015, conforme as equações (1) e (2).

Segundo Piacenti (2016), o INC determina o nível de crescimento econômico dos municípios em análise em relação à média da região Oeste para um determinado período de tempo, neste caso, 2015. E o IRC pode ser interpretado da mesma maneira, porém o único diferencial é que este índice determina o ritmo de crescimento econômico entre dois períodos de tempo, neste caso, entre 2005 e 2015.

$$INC = \text{PIB}_{pci} / \text{PIB}_{pcm} \times 100 \quad (1)$$

Em que: PIB_{pci} : PIB per capita do município i; PIB_{pcm} : PIB per capita médio do estado de MS.

$$IRC = [(\pi / \psi) - 1] / [(K / \Phi) - 1] \times 100 \quad (2)$$

Em que: $\pi = \text{PIB}_{pci}2015 = \text{PIB per capita do município i em 2015}$; $\psi = \text{PIB}_{pci}2005 = \text{PIB per capita do município i em 2005}$; $K = \text{PIB}_{pcm}2015 = \text{PIB per capita médio do estado de MS em 2015}$; $\Phi = \text{PIB}_{pcm}2005 = \text{PIB per capita médio do estado de MS em 2005}$.

O INC permite classificar os municípios nos níveis de alto, médio ou baixo potencial de desenvolvimento econômico, conforme demonstrado no Quadro 1. O IRC também permite classificar os municípios, em estagnados, recessivos ou depressivos, conforme ilustrado na Tabela 2. Em ambos os índices, pode-se ainda interpretar que aqueles municípios que superaram os 100%, obtiveram um nível e um ritmo de crescimento superior à média do estado, sendo representado pela classificação “significativo” [grifo nosso] nos quadros abaixo.

Quadro 1: Classificação do INC.

Potencial de Desenvolvimento Econômico	Faixa em % do INC
Significativo	Superior a 100
Alto	80 a 100
Médio	50 a 80
Baixo	20 a 50

Fonte: Adaptado de Piacenti (2016).

Quadro 2: Classificação do IRC.

Classificação do Ritmo de Crescimento	Faixa em % do IRC
Significativo	Superior a 100
Estagnado	30 a 100
Recessivo	0 a 30
Depressivo	- 100 a 0

Fonte: Adaptado de Piacenti (2016).

Feita a análise individual de cada indicador, foi possível combiná-los de forma a verificar a situação de desenvolvimento de cada município, seguindo a classificação descrita no Quadro 3. Neste caso, a denominação “alto” [grifo nosso] significa que o município apresentou um índice superior à média da região Oeste, ou seja, o índice foi significativo (superior a 100%) e a denominação “baixo” [grifo nosso] significa que o município apresentou um índice inferior à média da região Oeste.

Quadro 3: Combinação da forma tradicional dos indicadores INC e IRC.

Classificação do Município	Tipo	Nível de Crescimento	Ritmo de Crescimento
Desenvolvidos em Expansão	AA	Alto	Alto
Desenvolvidos em Declínio	AB	Alto	Baixo
Em Desenvolvimento	BA	Baixo	Alto
Deprimidos	BB	Baixo	Baixo

Fonte: Adaptado de Piacenti (2016).

Para identificar quais atividades econômicas possuem maior contribuição sobre o desempenho econômico dos municípios do estado de Mato Grosso do Sul, foi utilizado um indicador usualmente praticado nos estudos de natureza regional, o Quociente Locacional (QL), pois este permite identificar os setores mais especializados (potenciais) em diferentes regiões comparadas a uma região de referência, segundo Alves (2012).

Para o cálculo do QL é necessário delimitar os setores que se pretende analisar, bem como, a região de análise. Neste trabalho, a determinação dos setores seguiu a classificação do IBGE, que corresponde aos cinco grandes setores, sendo eles, agropecuária, indústria,

construção civil, serviços e comércio. A região de análise corresponde aos 79 municípios do estado, utilizando como referência o próprio estado.

O cálculo do QL (equação (3)) envolve a utilização da variável pessoal ocupado, porém devido à dificuldade de acesso a essa variável ao nível de desagregação necessária (para os cinco setores), optou-se por utilizar o emprego formal disponibilizado pelo Ministério do Trabalho (MTE-RAIS). Segundo Alves (2012), a análise deste indicador é feita da seguinte maneira: quando o QL for superior a um, considera-se que o setor em análise é especializado naquela região j e quando for inferior a um, o setor não é especializado naquela região j.

$$QL = (E_{ij}/E_{it}) / (E_{tj}/E_{tt}) \quad (3)$$

Em que: E_{ij} = Emprego do setor i no município j; E_{it} = Emprego total do setor i no estado de MS t; E_{tj} = Emprego total no município j; E_{tt} = Emprego total no estado de MS t.

Um ponto importante apontado por Alves (2012), é a limitação do QL por utilizar apenas uma variável no seu cálculo, visto que as regiões e setores em análise podem apresentar padrões muito distintos na utilização da mão de obra, bem como em sua produtividade. Neste sentido, o autor indica a utilização do valor adicionado fiscal ou do PIB setorial das regiões para complementar a análise.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com base na aplicação dos índices de nível e ritmo de crescimento para todos os 79 municípios do estado de Mato Grosso do Sul, foi possível analisar o crescimento econômico no período de 2005 a 2015. De acordo com a Tabela 1, 32% dos municípios apresentaram potencial de desenvolvimento econômico significativo, ou seja, apresentaram níveis de crescimento superior à média estadual. Nos níveis de crescimento alto e médio, verificou-se um volume expressivo de municípios, representando 63% do total, este fato indica que grande parte dos municípios podem estar economicamente deprimidos, em situação de concentração de renda.

Tabela 1: Percentual dos municípios conforme a classificação do Nível de Crescimento em 2015.

Potencial de Desenvolvimento Econômico	Faixa em % do INC	Número de Municípios	% de Municípios
----------------------------------------	-------------------	----------------------	-----------------

Significativo	Superior a 100	25	32%
Alto	80 a 100	20	25%
Médio	50 a 80	30	38%
Baixo	20 a 50	4	5%

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

O indicador de ritmo de crescimento apresentou que apenas 44% dos municípios de Mato Grosso do Sul tiveram um crescimento acima da média estadual ao longo do período de 2005 a 2015 e 56% tiveram um ritmo de crescimento inferior à média, com 8 municípios que declinaram em termos de crescimento, sendo caracterizados como depressivos, conforme Tabela 2.

Tabela 2: Percentual dos municípios conforme a classificação do Ritmo de Crescimento entre 2005 e 2015.

Classificação do Ritmo de Crescimento	Faixa em % do IRC	Número de Municípios	% de Municípios
Significativo	Superior a 100	34	44%
Estagnado	30 a 100	32	41%
Recessivo	0 a 30	4	5%
Depressivo	- 100 a 0	8	10%

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

Esses resultados reiteram a necessidade de sempre analisar outras variáveis ou incorporar o cálculo de indicadores quando se analisa o PIB *per capita*, pois em sua forma absoluta não seria possível verificar o desempenho de cada município em termos de crescimento econômico. Desta forma, apesar de Constantino, Pegorare e Costa (2016) verificarem um crescimento da renda nestes municípios, com redução da desigualdade social, somente 34 municípios sul mato-grossenses usufruíram de um ritmo de crescimento acelerado em comparação com o restante do estado.

Pela combinação dos indicadores de nível e ritmo de crescimento, a Tabela 3 apresenta as classificações dos municípios, sendo que 14 foram classificados como desenvolvidos em expansão, 10 como desenvolvidos em declínio, 20 como em desenvolvimento e 34 como deprimidos.

Tabela 3: Combinação dos indicadores econômicos: Nível de Crescimento (ano de 2015) e Ritmo de Crescimento (entre 2005 e 2015), para os municípios de Mato Grosso do Sul.

Classificação do Município	Tipo	Nível de Crescimento	Ritmo de Crescimento	Número de Municípios	% de Municípios
Desenvolvidos em Expansão	AA	Alto	Alto	14	18%
Desenvolvidos em Declínio	AB	Alto	Baixo	10	13%
Em Desenvolvimento	BA	Baixo	Alto	20	26%
Deprimidos	BB	Baixo	Baixo	34	44%

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

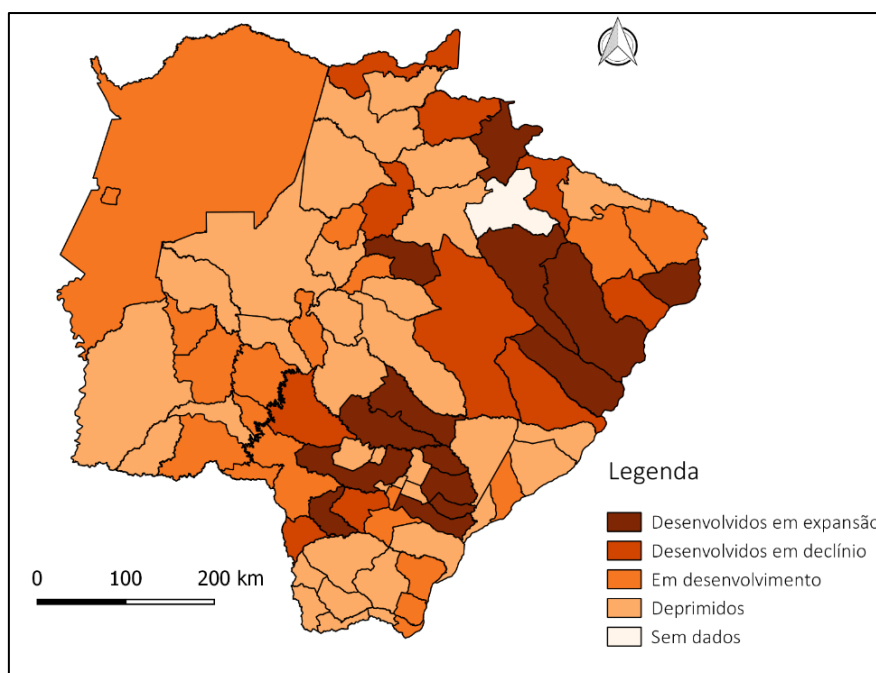
Os municípios desenvolvidos em expansão listados na Tabela 4 estão localizados nas microrregiões de Iguatemi, Três Lagoas Dourados e Paranaíba e foram ilustrados espacialmente na Figura 1. As duas primeiras microrregiões apresentaram INC acima da média estadual no trabalho de Lima, Piffer e Ostapechen (2016). Essas diferenças são normais, visto que foi utilizada fronteira política distinta neste estudo: os municípios em si.

Tabela 4: Municípios Desenvolvidos em expansão.

Município	INC 2015	IRC 2005-2015
Angélica	168,51	575,31
Novo Horizonte do Sul	103,00	370,50
Ivinhema	110,90	360,34
Água Clara	194,15	236,85
Jateí	152,47	225,49
Nova Alvorada do Sul	184,93	211,38
Três Lagoas	220,94	182,63
Bandeirantes	135,43	181,98
Aparecida do Taboado	104,92	173,55
Rio Brillhante	154,44	161,81
Brasilândia	152,42	146,71
Costa Rica	211,77	145,51
Dourados	109,36	129,27
Laguna Carapã	172,57	103,64

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

Figura 1: Classificação dos municípios de Mato Grosso do Sul, de acordo com a combinação dos indicadores de nível de crescimento e ritmo de crescimento.



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

Estes municípios estão localizados em microrregiões fortes em atividades primárias, sendo as micros de Dourados e Iguatemi na produção agrícola e pecuária e Três Lagoas e Paranaíba na produção florestal. De forma geral os municípios destacados como desenvolvidos em expansão, apresentaram no período de 2010 a 2015 uma evolução significativa no incremento do valor adicionado da agropecuária, atividade esta que puxou o crescimento destes municípios ao longo deste período. A agropecuária foi, portanto seguida por um potencial incremento do valor adicionado da indústria, na maior parte destes municípios.

Enquanto estas duas atividades contribuíram de forma significativa para a posição de expansão destes municípios o comércio e serviços mostrou-se fragilizado e com dificuldades de impulsionar a atividade econômica em termos de geração de valor adicionado ao produto. Este fato pode ser explicado pelo fato do setor de comércio e serviços ter uma vinculação direta com a intensidade da atividade econômica, sobretudo com a geração de emprego e renda. Como visto até o ano de 2015 houve uma tendência declinante do produto e emprego o que é refletido na disponibilidade de renda, sendo assim o comércio uma das primeiras atividades afetadas por este tipo de tendência verificada.

Outro aspecto relevante, é que a indústria instalada nestes municípios possui em grande parte forte vinculação a produção agropecuária, nos municípios mais a leste do estado as indústrias que se concentram são de processamento de madeira, papel e celulose, já no cone sul,

envolvendo os municípios do entorno de Dourados verifica-se grande parte das indústrias instaladas direcionadas ao processamento de grãos ou beneficiamento de insumos para abastecimento da agropecuária.

Esta forte vinculação regional agroindustrial favoreceu sobremaneira os municípios sinalizados como em expansão, pois os mesmos apresentaram boas produções primárias que por sua vez impulsionaram a indústria a ela vinculada. Um detalhe numérico sobre esta questão é apresentado na Tabela 5.

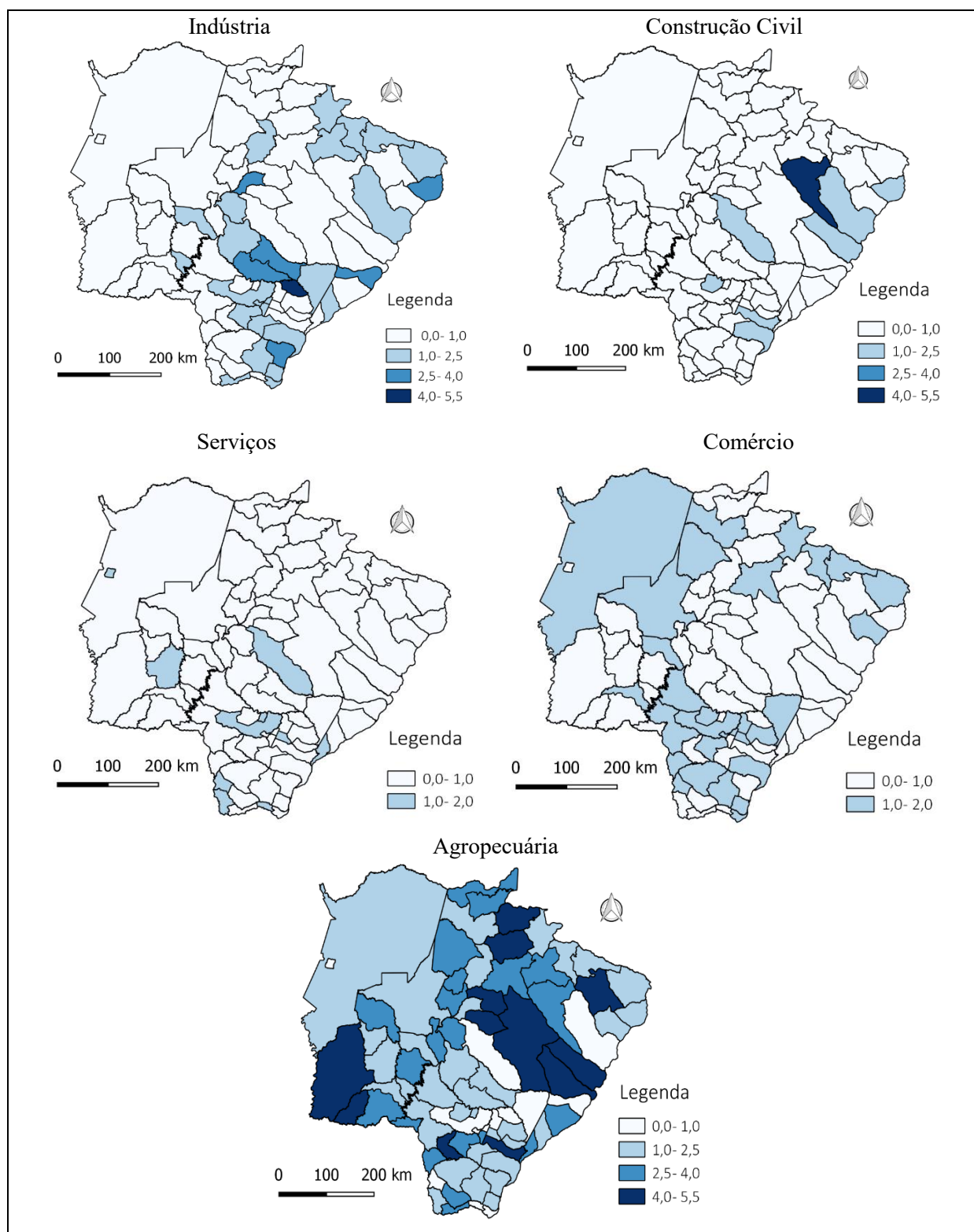
Tabela 5: Variação do Valor Adicionado Bruto por setor de atividade a preços correntes entre 2010 - 2015.

Municípios	Agropecuária	Indústria	Comércio e Serviços
Angélica	8%	-10%	2%
Novo Horizonte do Sul	-2%	1%	0%
Ivinhema	-4%	6%	-3%
Água Clara	0%	16%	-17%
Jateí	5%	0%	-5%
Nova Alvorada do Sul	0%	-2%	3%
Três Lagoas	-6%	6%	0%
Bandeirantes	6%	0%	-6%
Aparecida do Taboado	3%	-5%	2%
Rio Brilhante	-3%	-4%	7%
Brasilândia	5%	-3%	-2%
Costa Rica	2%	6%	-8%
Dourados	1%	-1%	1%
Laguna Carapã	1%	-1%	1%
Total	16%	8%	-25%

Fonte: IBGE/CONAC, SEMAGRO/MS.

Com a aplicação do indicador de especialização produtiva, foi possível mapear e identificar em quais atividades econômicas os municípios de Mato Grosso do Sul são especializados. Para isso, considera-se especializado o município que apresentou valores superiores a 1. Na Figura 2 foram apresentados os QLs de cada setor analisado, onde as cores azuis mais fortes significam um QL relativamente maior.

Figura 2: Quociente Locacional (QL) de cada setor econômico para os municípios de Mato Grosso do Sul, em 2017.



Fonte: Elaboração própria com dados da RAIS/MTE.

Na atividade industrial foram 30 municípios que apresentaram QL significativo, sendo os três primeiros com QL mais elevado foram Angélica com QL de 5,37, Aparecida do Taboado

com QL de 3,29 e Bataguassu com QL de 3,20. Estes municípios não apresentam proximidade geográfica entre eles. Na construção civil foram 8 municípios que obtiveram QL superior a 1. Água Clara apresentou QL de 4,75, Três Lagoas QL de 2,14 e Campo Grande QL de 1,41. Os dois primeiros fazem divisa territorial.

No comércio, 30 municípios foram especializados com QL significativos, entre os primeiros colocados estão Coxim com 1,72, Jardim com 1,71 e Deodópolis com 1,68 de especialização produtiva. No setor de serviços, foram poucos municípios especializados, 10 no total. Ladário apresentou QL de 1,76, seguido de Japorã com 1,62 e Paranhos com 1,33.

No setor agropecuário, 85% dos municípios de Mato Grosso do Sul apresentaram especialização produtiva, corroborando com os resultados de Corrêa et al. (2018) de que a população do estado é fortemente dependente do agronegócio. Porto Murtinho apresentou QL de 5,11, seguido por Santa Rita do Pardo com QL de 4,92 e Jateí com QL de 4,87.

5 CONCLUSÕES

Ao buscar realizar uma análise do desempenho econômico do estado de Mato Grosso do Sul este trabalho se conjuga a outros buscando evidenciar a partir de indicadores alguns aspectos da mecânica da economia para o período de 2005 a 2015, período este que possui um severo agravamento da recessão econômica em nível nacional, com seu auge em 2015, tendo seus impactos percebidos nos municípios de todo o estado.

Diante deste cenário nota-se que há um heterogêneo avanço em relação ao crescimento dos municípios ao longo de todo o estado, e que boa parte dos mesmos sofreu diretamente com o cenário recessivo apresentado, que tem como pano de fundo características estruturais da própria economia do município que puderam de certa forma serem caracterizadas pelos indicadores de ritmo de crescimento, nível de crescimento e especialização, calculados.

Estes indicadores sumarizaram que existe um contingente significativo de municípios que se mostram em condição declínio, estagnação ou depressão, e que parte destes municípios possuem bases produtivas muito especializadas, com baixas vinculações com outras atividades ou setores econômicos, tornando-se assim ainda mais vulneráveis do ponto de vista dos impactos de uma conjuntura econômica pouco favorável, como a do período analisado.

Por outro lado existe um grupo de um número reduzido de municípios que se

mostraram preparados no sentido do desenvolvimento como aponta Hirschman (1961) sobre os encadeamentos. Estes municípios, portanto possuem o setor da agropecuária e sua indústria de transformação bastante vinculados, gerando assim uma sinergia, a possibilidade de ganhos de escala e da produção de insumos localmente.

Conforme apontado por Perroux (1977), a dinâmica de crescimento dos municípios no período analisado se dá de forma polarizada, em dois polos distintos e bem demarcados. O primeiro a região leste do estado com destaque para os municípios de Água Clara, Três Lagoas, Costa Rica, Aparecida do Taboado e Brasilândia. O outro polo se constitui pelo município de Dourados e um conjunto de municípios a leste e norte deste primeiro, a maioria fazendo fronteira uns com os outros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. A. Produção teórica em economia regional: das formulações clássicas aos modelos endógenos de desenvolvimento. In: XII Semana Acadêmica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia. **Anais eletrônicos...** 2013.

ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J.; (ORG.) **Análise Regional: metodologias e indicadores**. Curitiba: Camões, 2012. p. 134.

CONSTANTINO, M.; PEGORARE, A. B.; COSTA, R. B. D. Desempenho regional do IDH e do PIB per capita dos municípios de Mato Grosso do Sul, Brasil, entre 2000 e 2010. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 2, p. 234-246, 2016.

CORRÊA, A. S. et al. Fluxos migratórios no estado de Mato Grosso do Sul (1970-2010). **Interações**, Campo Grande, v. 19, n. 2, p. 325-341, abr./jun. 2018.

COSTANTINO, M. et al. Caracterização econômica dos municípios sul-mato-grossenses do Corredor Bioceânico. **Interações**, Campo Grande, v. 20, n. Especial, p. 179-192, 2019.

FERRERA DE LIMA, J.; EBERHARDT, P. H. D. C.; BARROS, A. L. H. Os territórios econômicos no oeste do Paraná: uma análise do seu crescimento no início do século XXI. **Ciências Sociais em Perspectiva**, 1º Sem. 2011. 111-122.

FRAINER, D. M. et al. Uma aplicação do Índice de Desenvolvimento Sustentável aos municípios do estado de Mato Grosso do Sul. **Interações**, Campo Grande, v. 18, n. 2, p. 145-156, abr./jun. 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua Trimestral – PNADT. Ano: 2015. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1616>. Acesso 10/08/219

III Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

10 a 13 de setembro de 2019 | Naviraí - MS



LIMA, J. F. D.; PIFFER, M.; OSTAPECHEN, L. A. P. O crescimento econômico regional de Mato Grosso do Sul. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 4, p. 757-766, out./dez. 2016.

PIACENTI, C. A. **O potencial de desenvolvimento endógeno dos municípios paranaenses**. Viçosa: UFV, 2009 (Tese de Doutorado).

PIACENTI, C. A. **Indicadores do potencial de desenvolvimento endógeno dos municípios paranaenses, no período 1999/2013**. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu, 2016. 216 p.

SEMAGRO – SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, PRODUÇÃO E AGRICULTURA FAMILIAR. Produto Interno Bruto Municipal 2010 -2016. 2018. 65p.

SUZIGAN, W. et al. Coeficientes de Gini locacionais – GL: aplicação à indústria de calçados do Estado de São Paulo. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.13, n. 2. 2009.